

# ONDE ESTÁ A PSICOLOGIA ESCOLAR NO MEIO DA PANDEMIA?

ORGANIZADORES

Fauston Negreiros  
Breno de Oliveira Ferreira



pimenta  
cultural

Digitized by Google

# ONDE ESTÁ A PSICOLOGIA ESCOLAR NO MEIO DA PANDEMIA?

ORGANIZADORES

Fauston Negreiros  
Breno de Oliveira Ferreira

| São Paulo | 2021 |



Digitized by Google

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2021 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2021 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado é de inteira responsabilidade dos autores, não representando a posição oficial da Pimenta Cultural.

## CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

### Doutores e Doutoradas

Airton Carlos Batistela <i>Universidade Católica do Paraná, Brasil</i>	Breno de Oliveira Ferreira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil</i>	Carla Wanessa Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alexandre Antonio Timbane <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Alexandre Silva Santos Filho <i>Universidade Federal de Goiás, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Aline Daiane Nunes Mascarenhas <i>Universidade Estadual da Bahia, Brasil</i>	Daniel Nascimento e Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Pires de Moraes <i>Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Danielle Aparecida Nascimento dos Santos <i>Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil</i>
Ana Carolina Machado Ferrari <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Delton Aparecido Felipe <i>Universidade Estadual de Maringá, Brasil</i>
Andre Luiz Alvarenga de Souza <i>Emill Brunner World University, Estados Unidos</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Doris Roncareli <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Católica de Pernambuco, Brasil</i>	Elena Maria Mallmann <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade Católica de São Paulo, Brasil</i>	Emanuel Cesar Pires Assis <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Erika Viviane Costa Vieira <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>
Beatriz Braga Bezerra <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>	Everly Pegoraro <i>Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil</i>
Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Fábio Santos de Andrade <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>

Fauston Negreiros  
*Universidade Federal do Ceará, Brasil*

Fernando Barcellos Razuck  
*Universidade de Brasília, Brasil*

Francisca de Assiz Carvalho  
*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*

Gabriela da Cunha Barbosa Saldanha  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Gabrielle da Silva Forster  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Guilherme do Val Toledo Prado  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

Hebert Elias Lobo Sosa  
*Universidad de Los Andes, Venezuela*

Helciclever Barros da Silva Vitoriano  
*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais  
 Anísio Teixeira, Brasil*

Helen de Oliveira Faria  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Heloisa Candello  
*IBM e University of Brighton, Inglaterra*

Heloisa Juncklaus Preis Moraes  
*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*

Ismael Montero Fernández,  
*Universidade Federal de Roraima, Brasil*

Jeronimo Becker Flores  
*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*

Jorge Eschriqui Vieira Pinto  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

José Luís Giovanoni Fornos Pontifícia  
*Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*

Josué Antunes de Macêdo  
*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*

Júlia Carolina da Costa Santos  
*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*

Julia Lourenço Costa  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Juliana de Oliveira Vicentini  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Juliana Tiburcio Silveira-Fossaluzza  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

Julierme Sebastião Moraes Souza  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Karlla Christine Araújo Souza  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Laionel Vieira da Silva  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Leandro Fabricio Campelo  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Leonardo Jose Leite da Rocha Vaz  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Leonardo Pinheiro Mozdzinski  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

Lidia Oliveira  
*Universidade de Aveiro, Portugal*

Luan Gomes dos Santos de Oliveira  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Luciano Carlos Mendes Freitas Filho  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

Lucila Romano Tragtenberg  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

Lucimara Rett  
*Universidade Metodista de São Paulo, Brasil*

Marceli Cherchiglia Aquino  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Marcia Raika Silva Lima  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*

Marcos Uzel Pereira da Silva  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Marcus Fernando da Silva Praxedes  
*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil*

Margareth de Souza Freitas Thomopoulos  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Maria Angelica Penatti Pipitone  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

Maria Cristina Giorgi  
*Centro Federal de Educação Tecnológica  
 Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria de Fátima Scaffo  
*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Maria Isabel Imbronito  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Maria Luzia da Silva Santana  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

Maria Sandra Montenegro Silva Leão  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

Michele Marcelo Silva Bortolai  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Miguel Rodrigues Netto  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

Neli Maria Mengalli  
*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil*

Patricia Biegging  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Patrícia Helena dos Santos Carneiro  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Patrícia Oliveira  
*Universidade de Aveiro, Portugal*

Patrícia Mara de Carvalho Costa Leite  
*Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil*

Paulo Augusto Tamanini  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Priscilla Stuart da Silva  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Radamés Mesquita Rogério  
*Universidade Federal do Ceará, Brasil*

Ramofly Bicalho Dos Santos  
*Universidade de Campinas, Brasil*

Ramon Taniguchi Piretti Brandao  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Rarielle Rodrigues Lima  
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

Raul Inácio Busarello  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Renatto Cesar Marcondes  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Ricardo Luiz de Bittencourt  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Rita Oliveira  
*Universidade de Aveiro, Portugal*

Robson Teles Gomes  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Rodiney Marcelo Braga dos Santos  
*Universidade Federal de Roraima, Brasil*

Rodrigo Amancio de Assis  
*Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil*

Rodrigo Sarruge Molina  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Rosane de Fatima Antunes Obregon  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Sebastião Silva Soares  
*Universidade Federal do Tocantins, Brasil*

Simone Alves de Carvalho  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Stela Maris Vaucher Farias  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Tadeu João Ribeiro Baptista  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Tania Micheline Miorando  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Tarcísio Vanzin  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Thiago Barbosa Soares  
*Universidade Federal de São Carlos, Brasil*

Thiago Camargo Iwamoto  
*Universidade de Brasília, Brasil*

Thyana Farias Galvão  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Valdir Lamim Guedes Junior  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Valeska Maria Fortes de Oliveira  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

Vania Ribas Ulbricht  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Wagner Corsino Enedino  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

Wanderson Souza Rabello  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Washington Sales do Monte  
*Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Wellington Furtado Ramos  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil*

## PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

### Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Adilson Cristiano Habowski  
*Universidade La Salle - Canoas, Brasil*

Adriana Flavia Neu  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Aguimario Pimentel Silva  
*Instituto Federal de Alagoas, Brasil*

Alessandra Dale Giacomini Terra  
*Universidade Federal Fluminense, Brasil*

Alessandra Figueiró Thornton  
*Universidade Luterana do Brasil, Brasil*

Alessandro Pinto Ribeiro  
*Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil*

Alexandre João Appio  
*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*

Aline Corso  
*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil*

Aline Marques Marino  
*Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Brasil*

Aline Patricia Campos de Tolentino Lima  
*Centro Universitário Moura Lacerda, Brasil*

Ana Emidia Sousa Rocha  
*Universidade do Estado da Bahia, Brasil*

Ana Iara Silva Deus  
*Universidade de Passo Fundo, Brasil*

Ana Julia Bonzanini Bernardi  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Ana Rosa Gonçalves De Paula Guimarães  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

André Gobbo  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Andressa Antonio de Oliveira  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Andressa Wiebusch  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Angela Maria Farah  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Anísio Batista Pereira  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Anne Karynne da Silva Barbosa  
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

Antônia de Jesus Alves dos Santos  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Antonio Edson Alves da Silva  
*Universidade Estadual do Ceará, Brasil*

Ariane Maria Peronio Maria Fortes  
*Universidade de Passo Fundo, Brasil*

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior  
*Universidade do Estado da Bahia, Brasil*

Bianca Gabriely Ferreira Silva  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

Bianka de Abreu Severo  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos  
*Universidade do Vale do Itajaí, Brasil*

Bruna Donato Reche  
*Universidade Estadual de Londrina, Brasil*

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Camila Amaral Pereira  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

Carlos Eduardo Damian Leite  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Carlos Jordan Lapa Alves  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Carolina Fontana da Silva  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Carolina Fragoço Gonçalves  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Cássio Michel dos Santos Camargo  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil*

Cecilia Machado Henriques  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Cintia Morales Camillo  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Claudia Dourado de Saices  
*Universidade Estadual de Campinas, Brasil*

Cleonice de Fátima Martins  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

Cristiane Silva Fontes  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Cristiano das Neves Vilela  
*Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Daniele Cristine Rodrigues  
*Universidade de São Paulo, Brasil*

Daniella de Jesus Lima  
*Universidade Tiradentes, Brasil*

Dayara Rosa Silva Vieira  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Dayse Rodrigues dos Santos  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Dayse Sampaio Lopes Borges  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Deborah Susane Sampaio Sousa Lima  
*Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil*

Diego Pizarro  
*Instituto Federal de Brasília, Brasil*

Diogo Luiz Lima Augusto  
*Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil*

Ederson Silveira  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Elaine Santana de Souza  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*

Eleonora das Neves Simões  
*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil*

Elias Theodoro Mateus  
*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*

Elisiene Borges Leal  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*

Elizabeth de Paula Pacheco  
*Universidade Federal de Uberlândia, Brasil*

Elizânia Sousa do Nascimento  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*

Elton Simomukay  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

Elvira Rodrigues de Santana  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Emanuella Silveira Vasconcelos  
*Universidade Estadual de Roraima, Brasil*

Érika Catarina de Melo Alves  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Everton Boff  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Fabiana Aparecida Vilaça  
*Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil*

Fabiano Antonio Melo  
*Universidade Nova de Lisboa, Portugal*

Fabírcia Lopes Pinheiro  
*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Fabrcio Nascimento da Cruz  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Francisco Geová Goveia Silva Júnior  
*Universidade Potiguar, Brasil*

Francisco Isaac Dantas de Oliveira  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Francisco Jeimes de Oliveira Paiva  
*Universidade Estadual do Ceará, Brasil*

Gabriella Eldereti Machado  
*Universidade Federal de Santa Maria, Brasil*

Gean Breda Queiros  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Germano Ehlert Pollnow  
*Universidade Federal de Pelotas, Brasil*

Glaucio Martins da Silva Bandeira  
*Universidade Federal Fluminense, Brasil*

Graciele Martins Lourenço  
*Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Handherson Leylton Costa Damasceno  
*Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida  
*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*

Heliton Diego Lau  
*Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil*

Hendy Barbosa Santos  
*Faculdade de Artes do Paraná, Brasil*

Inara Antunes Vieira Willerding  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Ivan Farias Barreto  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil*

Jacqueline de Castro Rimá  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Jeane Carla Oliveira de Melo  
*Universidade Federal do Maranhão, Brasil*

João Eudes Portela de Sousa  
*Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil*

João Henriques de Sousa Junior  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

Joelson Alves Onofre  
*Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil*

Juliana da Silva Paiva  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Junior César Ferreira de Castro  
*Universidade Federal de Goiás, Brasil*

Lais Braga Costa  
*Universidade de Cruz Alta, Brasil*

Leia Mayer Eyng  
*Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Marcio Bernardino Sirino  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

Marcos dos Reis Batista  
*Universidade Federal do Pará, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar Rivelli de Oliveira  
*Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil*

Michele de Oliveira Sampaio  
*Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil*

Miriam Leite Farias  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

Natália de Borba Pugins  
*Universidade La Salle, Brasil*

Patricia Flavia Mota  
*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil*

Raick de Jesus Souza  
*Fundação Oswaldo Cruz, Brasil*

Railson Pereira Souza  
*Universidade Federal do Piauí, Brasil*

Rogério Rauber  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

Samuel André Pompeo  
*Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil*

Simoni Urnau Bonfiglio  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Tayson Ribeiro Teles  
*Universidade Federal do Acre, Brasil*

Valdemar Valente Júnior  
*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

Wallace da Silva Mello  
*Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil*  
Wellton da Silva de Fátima  
*Universidade Federal Fluminense, Brasil*

Weyber Rodrigues de Souza  
*Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil*  
Wilder Kleber Fernandes de Santana  
*Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

## PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial Patricia Bieging  
Raul Inácio Busarello  
Diretor de sistemas Marcelo Eyng  
Diretor de criação Raul Inácio Busarello  
Assistente de arte Ligia Andrade Machado  
Imagens da capa Education\_Free, Chernikovatv - Freepik.com  
Editora executiva Patricia Bieging  
Assistente editorial Peter Valmorbidia  
Revisão Autores e organizadores  
Organizadores Fauston Negreiros  
Breno de Oliveira Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

O584 Onde está a psicologia escolar no meio da pandemia?  
Fauston Negreiros, Breno de Oliveira Ferreira -  
organizadores. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. 1106p..

Inclui bibliografia.  
ISBN: 978-65-5939-044-1 (eBook)

1. Escola. 2. Educação. 3. Psicologia. 4. Pandemia.  
5. Covid-19. I. Negreiros, Fauston. II. Ferreira, Breno de Oliveira.  
III. Título.

CDU: 37.015  
CDD: 370

DOI: 10.31560/pimentacultural/2021.441

---

**PIMENTA CULTURAL**  
São Paulo - SP  
Telefone: +55 (11) 96766 2200  
livro@pimentacultural.com  
www.pimentacultural.com



# 35

Renata Plácido Dipp

*PUCRS, renata.placido@pucrs.br*

Andreia Mendes dos Santos

*PUCRS, andreia.mendes@pucrs.br*

Giovanna Gonçalves de Bortoli

*PUCRS, giovanna.bortoli@edu.pucrs.br*

## A PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL PENSANDO AS INFÂNCIAS NA PANDEMIA: OS REFLEXOS DO ANTES AO DEPOIS DO ISOLAMENTO SOCIAL SOBRE AS CRIANÇAS

## INTRODUÇÃO

O processo de escolarização marca uma etapa fundamental para o desenvolvimento psíquico da criança. Diferentes estudos sobre temas da infância vêm sendo desenvolvidos e em comum pontuam a escola como espaço de diferentes aprendizagens e que fenômenos que se manifestam na escola possuem origem multicausal e os impactos de tais experiências na infância perduram até a vida adulta.

Em 2020, a pandemia do Covid-19, causada por um coronavírus de uma família de vírus que causa infecções respiratórias, atingiu o Brasil de forma (in)tensa, exigindo da sociedade novos modos de operar - do individual, ao coletivo; em nível de prevenção e intervenção. Em consonância com os demais países atingidos pela pandemia, a principal medida adotada com vistas à prevenir e diminuir a dispersão do Coronavírus, foi a quarentena, por meio de medidas de isolamento social, conforme a orientação da Organização Mundial de Saúde – OMS, e referendadas pelo Ministério da Saúde (MS) no mês de março do mesmo ano. Esta medida previu o fechamento de serviços, a exceção daqueles considerados como essenciais à população. Comércio, indústria, bares e restaurantes, e quaisquer outros serviços coletivos, tais como, instituições de ensino foram fechados ou tiveram que se adaptar.

Na Educação, as atividades de ensino foram suspensas por determinação da Portaria nº 343/2020, do Ministério da Educação, que também autorizou o ensino remoto nas escolas e universidades brasileiras. Segundo a UNESCO (2020), a nível global, quase 1,3 bilhão de estudantes vem sendo afetados pelo fechamento das escolas em 186 países. “Muitos desses estudantes e seus professores já estão enfrentando problemas de saúde física ou mental resultantes do longo período de confinamento e, em alguns casos, perderam familiares durante a pandemia” (UNESCO, Giannini, 2020).



Ainda que o ensino remoto tenha caráter de emergência e seja considerado um plano de contingência educacional, cabe-nos pensar nos possíveis desdobramentos deste tempo sem precedentes, tão inusitado quanto vulnerável, em especial para as infâncias. O que se evidencia, apesar de transcorridos meses do início da pandemia e, portanto, até o momento, trata-se das observações das consequências primárias, são impactos na saúde, educação, economia, entre outros, agravando sobremaneira a desigualdade social no Brasil e no mundo. O conhecimento científico escasso sobre o novo Coronavírus, sua velocidade de disseminação e capacidade de provocar mortes em populações vulneráveis, geram incertezas sobre os caminhos de enfrentamento e de pós pandemia. No Brasil, os desafios são enormes, pois, em um contexto de grande desigualdade social, com populações vivendo em condições precárias de habitação e saneamento, sem acesso sistemático à água e em situação de aglomeração, a transmissão pode ocorrer de maneira incontrolável.

Atualmente, ainda que o número de infectados e de mortos pelo coronavírus siga aumentando em diversas regiões brasileiras, os órgãos governamentais vem planejando a retomada da economia, por meio da reabertura do comércio, da indústria e de outras atividades de forma controlada, bem como do retorno gradual das instituições de ensino.

Diante deste cenário, nos ocorre refletir, desde os nossos lugares de professoras universitárias e orientadoras de estágio profissional em Psicologia Escolar e Educacional do curso de Psicologia de uma universidade comunitária do sul do Brasil, sobre perspectivas das infâncias em um tempo (cronológico e subjetivo) de isolamento social e conseqüentemente, pós pandemia.

Em termos epistemológicos, utilizou-se contribuições da Psicologia Escolar e Educacional, da Sociologia da Infância e da Psicologia Social, como bases de considerações discursivas, assim,



como forma de situar esta produção científica, como investimento na infância contemporânea, na educação escolar e na promoção de saúde mental, em tempos de pandemia mundial e isolamento social.

Metodologicamente, este texto se utiliza do diálogo profícuo entre os grupos de estagiários de Psicologia Escolar e Educacional matriculados nos Seminários de Estágio, e os estudos realizados no Grupo de Pesquisa Questões Sociais na Escola, onde participam alunos de graduação e pós-graduação *Stricto Sensu*, no período de março a agosto de 2020. Pensar as infâncias e a escola antes e durante a pandemia são fundamentais para lançar perspectivas para elas após tal evento sanitário e social.

## AS INFÂNCIAS E A ESCOLA ANTES DA PANDEMIA

Partindo da evidência de que o tempo atual impõe novas experiências à infância, mudam também as formas de operar de uma comunidade - de se subjetivar, de se relacionar. No tocante às infâncias, subitamente os encontros, as rotinas escolares, as brincadeiras e o vínculo real deram espaço às telas e a novos arranjos em casa. Telas essas que são temas de discussões rotineiras, entre educadores e profissionais da área da saúde, no que se refere ao tempo de uso recomendados à cada faixa etária (SBP, 2020).

A suspensão das atividades escolares, portanto, resulta em uma série de desdobramentos que nos levam a problematizar os efeitos deste tempo na vida da população. Em relação à educação, especificamente, tem-se discutido desde a sobrecarga dos educadores que estão atuando na forma remota - às dinâmicas familiares, pelo mesmo motivo, ainda que, de perspectivas diferentes:

novas responsabilidades tiveram de ser incorporadas, e, não raro, com tempo e recursos limitados.

Em relação às infâncias, diante do confinamento, o excesso de trabalho dos pais em casa, ou a preocupação pela falta dele, a discussão sobre aprendizagem tornou-se ainda mais complexa. Se por um lado, antes da pandemia, a Psicologia e a Educação discutiam amplamente a necessidade de se respeitar e qualificar a infância na escola, em relação às experiências do *brincar* como ferramenta de aprendizagem, atualmente se impôs às famílias e às escolas uma condição que, de imediato, pareceu não alcançar nem uma coisa, nem outra.

Um dos conceitos clássicos sobre a importância do brincar foi cunhado por Winnicott (1975), no qual o autor afirma que “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem a sua liberdade de criação” (p.79). Com todas as diferenças socioeconômicas observadas no país, percebe-se que os extremos se mantêm operando, o que faz com que em diferentes realidades, as infâncias sigam sendo desrespeitadas, e não alcancem a prerrogativa do brincar como condição subjetiva fundante.

A escola, ainda que busque privilegiar estes espaços do brincar na articulação entre os processos de ensino e educação, ainda demonstra dificuldades para esta efetivação. Palma (2017) destaca através de seu estudo com crianças entre 5 e 12 anos de idade de uma escola pública no sul do Brasil, que o brincar, do 1º ao 5º ano ainda é referenciado por elas por meio das aulas de educação física, que com frequência coincidem com as suas preferências durante o recreio. As crianças expressam que brincam pouco ou não brincam, em sala de aula, evidenciando que há um espaço na escola supostamente destinado à reprodução dos conhecimentos formais.



Sabe-se que deve haver um enlace entre a proposta pedagógica, a compreensão dos educadores e da instituição, bem como da família, em última análise, para que se estabeleça e se mantenha uma cultura do brincar e da sociedade. Em um contexto de suspensão de atividades presenciais da escola e de um consequente isolamento social, outras questões sociais se impõem.

Sabe-se que há contextos familiares com diferentes fragilidades. Famílias que não experimentaram a educação e não conseguem estimular os filhos, que sobrevivem em contextos econômicos de precariedade, que convivem com violências de diferentes ordens. Tais cenários podem reduzir as chances de a família estimular a criança ao estudo e às experiências de brincar. A escola tende a cumprir este papel, em alguma medida na vida desta criança, que, possivelmente, no cenário atual enfrenta obstáculos para frequentar a educação à distância.

Em contextos sociais privilegiados, do ponto de vista econômico, também se identifica fragilidades familiares. As exigências de uma sociedade hiperinformada, digital, competitiva e fugaz (em que cada vez mais os pais são exigidos a se ocuparem com o mundo do trabalho), tendem a estimular brincar menos ao livre e mais à tarefa. Em ambos os extremos, crianças com pouco espaço para criar, passam apenas a reproduzir. Paradoxalmente, estes contextos podem gerar às crianças, o vazio; tendem a se entusiasmar menos pela aprendizagem; podem se tornar adultos mais ansiosos e menos criativos e; tendem a esperar pela condução do ambiente e exigir que o outro dê conta de lhe oferecer o melhor caminho para a aprendizagem.

Evidentemente, os ditames sociais do consumo sustentam a lógica, de que a educação também pode ser consumida, o que faz eco com os tempos de educação online indiscriminada:



O aluno tem de ser encantado, surpreendido por uma atuação performática dos professores. A rapidez do clique e o poder da linguagem imagética exigem que a escola incorpore a seus currículos igual velocidade e poder de adaptação: os assuntos e conteúdos devem ser apresentados de tal forma que se assemelhem à mobilidade e interatividade da internet. Em direta oposição aos métodos tradicionais de ensino, a cultura da leveza menospreza as atividades que exigem disciplina, repetição, previsibilidade, lentidão, espera, processos analógicos e lineares (Aquino e Dipp, 2018, p. 476).

Para compreender as situações de vulnerabilidade social das infâncias, faz-se necessário ampliar múltiplos olhares para diferentes cenários e contextos singulares, para estruturas específicas que propiciem questões vulnerabilizantes e considerar as implicações destas no cotidiano das crianças. Na vida cotidiana se expressam as características dos contextos sociais de vulnerabilidade e a qualidade dos processos de interação da criança (singular) e a sociedade (plural), assim são considerados fatores de risco ou de proteção à criança.

As dificuldades de acesso, a inexistência de recursos e serviços, a baixa infraestrutura de suporte e redes sociais, ambientes empobrecidos (que fazem com que as estruturas relacionais apresentem-se de forma diversificada), as desigualdades sociais, a ruptura e/ou a fragilidade de vínculos e afetos, famílias desestruturadas (ou com princípios contraditórios), a negligência - entre outros - criam fatores de risco à infância. A ausência destas condições, a educação e brincar são fatores protetivos, pois proporcionam a resiliência da criança contra processos invasivos (BOMTEMPO; CONCEIÇÃO, 2014).

Neste contexto impera a necessidade da proposição de estratégias para que família e escola, desde seus lugares, atentem para o desenvolvimento de rotinas pautadas pelo respeito as infâncias, uma vez que esta não pode estar vinculada unicamente a uma idade cronológica ou a uma etapa linear do desenvolvimento, mas, sobretudo àquilo que é da ordem do lúdico, do inventivo, da experiência, do



cotidiano, do tempo. A isso se sobrepõe o contexto de isolamento social, que, por força de suas circunstâncias, torna a infância um espaço no tempo ainda mais deslocado-descolado do esperado.

## AS INFÂNCIAS DA/NA PANDEMIA E A EXPERIÊNCIA DO ENSINO REMOTO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96) admite que os sistemas de ensino autorizem, em situações emergenciais as atividades à distância (Ensino a Distância - EaD) em todos os níveis de ensino. Essa autorização presume que autoridades dos Estados e Municípios e as instituições particulares proporcionem o acesso de todos os estudantes ao aprendizado: “Assim como a educação a distância necessita de metodologias próprias, as escolas devem adotar mecanismos próprios de fornecimento do conteúdo e acompanhamento avaliativo e da participação efetiva dos estudantes” (BRASIL, 2020). Em um país em que tantas famílias recorrem às escolas, para garantir a alimentação de seus filhos, muitas são as instituições que não possuem as infraestruturas necessárias para a manutenção das atividades à distância. Nestes casos, a LDBEN prevê que as atividades escolares sejam repostas, em relação aos conteúdos ou em relação aos dias letivos (BRASIL, 2020).

Pensar na adaptação das atividades da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental em uma modalidade à distância provocou inúmeros questionamentos a todos. Ainda que, se trate de uma perspectiva emergencial e provisória, é também, imprevisível em termos de amplitude de planejamento. Os temas recorrentes nos seminários foram: a forma e o conteúdo das abordagens pedagógicas às crianças pequenas, a capacitação dos professores para o trabalho nesta condição, as reais condições de



famílias, em condições de vulnerabilidade acompanhar a educação à distância, as relações familiares, durante as diferentes demandas de trabalho e de estudo, durante o confinamento e o lugar do brincar e da socialização neste cenário.

Há uma sobreposição de tarefas e demandas a todos os atores deste cenário, exigindo recursos físicos e psíquicos, que jamais puderam ser sequer cogitados em ser experienciados. Isto sem considerar os sujeitos que fazem parte do grupo de risco, com necessidades educacionais especiais ou com deficiência, que requerem cuidados – e recursos – ainda mais complexos. Os sentimentos negativos experimentados pela sociedade em decorrência da pandemia e da quantidade de informações veiculadas aumentam o estresse e a ansiedade, favorecendo que as pessoas se sintam confusas, em relação a sua competência, a sua vulnerabilidade, a capacidade de proteger a família e também em relação ao futuro (WEIDE et. al., 2020) o que repercute, além da dinâmica das relações familiares, também nas tentativas de estabelecimento dos novos processos educativos.

O que se impôs, ao longo dos primeiros meses de educação online, com crianças de educação infantil e séries iniciais no recorte a que se propõe este artigo, foi à tentativa de transpor a sala de aula para os computadores, por meio de reconhecidos esforços dos educadores, que buscavam partilhar conhecimentos formais e estimular as relações do grupo em meio a instabilidades das plataformas, às falhas de sinal da internet, dos *áudios* das crianças abertos, que denunciavam diálogos e desconfortos desconectados com a realidade, que se buscava experimentar.

Todos os envolvidos dedicados ao sucesso de uma nova experiência, todos frustrados com os resultados que vinham sendo obtidos. Para os alunos das séries iniciais, inclusive, algumas escolas adotaram o modelo de repositório de atividades, em suas plataformas de ensino, em que as famílias diariamente precisavam atuar como



educadores e executar/reproduzir tarefas com suas crianças. A tentativa de manutenção da educação a distância a crianças pequenas pareceu denunciar excessos. A proposta de sobreposição dos espaços presencial/não presencial na infância parecia escapar ao orgânico. E a educação a distância, no formato em que foi adotado por muitas instituições, aliada aos desdobramentos naturais do isolamento social, que sobrecarregaram as famílias e as crianças, parecia ter desconsiderado, ainda mais o direito das infâncias, do brincar.

Gradativamente, em maior ou menor grau, foi possível perceber que estas escolas passaram a adotar medidas de interlocução diferentes das anteriormente utilizadas, lançando mão de recursos como narrativas do cotidiano e, contudo, produzindo sentido às rotinas e aos ambientes familiares. Uma das escolas criou para a Educação Infantil o projeto “minha escola chegou”, em que a cada encontro (nesta ocasião, já reduzida a frequência para duas vezes por semana) uma das crianças contava uma história ao grupo, a partir de objetos de sua casa, em que ela escolhia para compor o contexto.

O que se impôs nos diferentes contextos observados foi à impossibilidade de se pensar em outras propostas, que buscasse alcançar, mais do que o conhecimento formal, a manutenção de vínculos, o protagonismo da criança, sua capacidade inventiva, propositiva, mesmo diante de um contexto inusitado.

Há outros aspectos que cabem ser destacados, desde o lugar de análise da Psicologia Escolar, que dizem respeito às condições atípicas do desenvolvimento, tais como, estudantes com necessidades educacionais especiais, pessoas com deficiência e todas as condições que requerem um olhar (ainda) mais direcionado ao subjetivo. Se já se tratava de um tema árido no contexto educacional presencial, que, com frequência, consegue acolher apenas a homogeneidade, quiçá em um processo de escolarização à distância. Evidentemente, é por

estes, além de outros motivos, que o ensino na modalidade online é restrito à educação superior.

Ao investigarem a perspectiva dos professores em relação ao fenômeno da medicalização dos problemas na escola, Tessaro e Suzuki (2016) assinalam que o uso indiscriminado de medicamentos em crianças que apresentam problemas de comportamento, refletem o esvaziamento das relações sociais estabelecidas na escola, o embotamento do trabalho do professor, que não se percebe como parte ativa no processo de aprendizagem dos alunos, e o próprio embotamento do aluno, que acaba absorvendo o discurso hegemônico da naturalização dos fenômenos sociais.

A leitura dessa conjuntura anuncia que, se a infância já sustentava fragilidades por conta de normativas que atravessam este tempo, o fenômeno da medicalização reassegura esta posição e valida as vias de escape da discussão do coletivo, remetendo aquilo que pode ser da ordem do social para uma condição médica/medicalizante individual. O que se enuncia aqui não é a desconsideração ou a desqualificação de processos avaliativos eficientes, com vistas a tratamentos adequados/terapêuticos e que, desde uma perspectiva ética, consideram para um diagnóstico a integralidade do contexto social do qual pertence o estudante.

Trata-se, portanto, de buscar alternativas que possam romper com compreensões aligeiradas da escola que, frequentemente, com a chancela de uma sociedade imediatista, visam, em alguma medida, eliminar o problema e se eximir do seu lugar constitutivo do processo de subjetivação do sujeito. Não se trata de prevenção, o que se argumenta é a reversão do sofrimento ocasionado pela incompreensão das subjetividades. Neste sentido, ao considerarmos o período de isolamento social e educação parcialmente remota, nos toca pensar o destino dos sujeitos desta lógica frequentemente exclusiva.



Desde a perspectiva da escolarização presencial, evidenciava-se, por meio do aumento do número de encaminhamentos às avaliações especializadas, a dinâmica de se resolver problemas do contexto escolar fora do âmbito da escola. Ou seja, o estudante que não se revela dentro das expectativas, em termos intelectuais e/ou comportamentais, pode facilmente ser caracterizado como portador de supostos transtornos. Isso leva a pensar que os problemas no processo de escolarização vêm sendo, frequentemente, justificados por uma lógica médica, numa perspectiva que dissocia o sujeito do seu contexto social.

Assim, urge o questionamento: onde estão as crianças com queixas escolares durante o período de isolamento social?

Pensar sobre infância é um desafio interdisciplinar. O mal-estar da/na infância é um grave problema social. Sintomas de sofrimento vem se tornando temas comuns, enquanto estas questões são divergentes da natureza das crianças. Como primeiras definições, adota-se a concepção de que a infância não é “simplesmente” uma etapa biológica que perdura até cerca de 12 anos de idade<sup>1</sup>, tampouco se restringe numa preparação para a vida adulta. Infância é aqui concebida como uma construção social (SARMENTO, 1997) e as crianças são reconhecidas como atores que produzem culturas (CORSARO, 2011). Portanto, suas experiências, trajetórias, expectativas e conflitos são importantes demandas sociais. Entender como a infância e a criança são compreendidas e apreendem sobre a sociedade possibilita também a inserção dela neste contexto.

1 No Brasil, pela definição do Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, criança é a pessoa até doze anos de idade incompletos sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. Pela lei, a criança inclui-se nos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, com atenção à sua proteção integral, assegurando-lhes todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espírito.



Como parte da constituição da sociedade, na atualidade, as situações de vulnerabilidade social caracterizam grande parte dos contextos de inserção da infância no país, o que inscreve um cuidado e o entendimento do significado das situações de marginalidade de condições de vida bastante empobrecidas, que acabam por englobar diferentes núcleos de convivência da criança (BOMTEMPO; CONCEIÇÃO, 2014). Neste sentido, a escola se apresenta como um espaço de educação e de desenvolvimento psicossocial, o que pode predizer, tanto um lugar de saúde mental, quanto de opressão e produção de fragilidades psíquicas.

A educação é aqui entendida em seu conceito ampliado, concebido por Libâneo como uma ciência da educação, onde condiciona-se “que as práticas educativas não se dão de forma isolada das relações sociais, políticas, culturais e econômicas da sociedade” (LISITA, 2007, p. 513), associando-se ao conceito de cultura e relacionando-se também a aprendizagem política. Assim, o que se quer afirmar é que, diferentes espaços que representam o cotidiano, entre os quais a escola (mas não se restringindo a ela), figuram como contextos de educação.

## À GUIA DE CONSIDERAÇÕES SOBRE AS INFÂNCIAS E A EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA

A educação brasileira opera em tempos de reinvenção. A fim de não suspender o processo de escolarização, diante de um contexto de inviabilidade da presença na escola, o Estado brasileiro determinou que as atividades educativas fossem mantidas no formato online. Assim, inicia-se um percurso até então impensável: educação básica à *distância*.



O cotidiano e o brincar são partes importantes da infância e, por isso os tomamos como desafios na promoção da inserção social da criança. Se ao brincarem as crianças introjetam e compreendem o cotidiano e, dos diferentes arranjos, que as brincadeiras permitem, elas formulam a identidade infantil na atualidade, então fazer uso de brincadeiras poderá potencializar a compreensão sobre as infâncias. Ao escutar as crianças e (re)conhecer as infâncias, o mundo adulto assume o papel de contribuir para o desenvolvimento de capacidades e habilidades das crianças, por meio do próprio protagonismo infantil.

A Educação está buscando se reinventar – do ensino básico ao superior. A Psicologia Escolar também supera obstáculos de formas criativas. E, não obstante, se em alguma medida este cenário a distância vai se acomodando, urge pensar, desde já, em formas de transição de volta, para a aprendizagem presencial na escola, à medida que as instituições de ensino retornarem ao convívio presencial. As instituições não seguirão de onde pararam. Neste contexto, o trabalho da Psicologia Escolar como via de escuta atenta, acolhimento e suporte à comunidade escolar, trará elementos essenciais e consistentes para intervenções posteriores. A Psicologia Escolar se reinventa, mas segue desde uma premissa fundamental, que é atemporal: sem escuta não há palavras que possam ofertar possibilidades de sentido ao outro.

## REFERÊNCIAS

BOMTEMPO, E.; CONCEIÇÃO, M.R. *Infâncias e contextos de vulnerabilidade social: a atividade lúdica como recurso de intervenção nos cuidados em saúde*. Bol. Acad. Paulista de Psicologia, São Paulo, v.34, nº 84, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v34n87/a12.pdf>. Acesso em: 18.06.2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Ensino Fundamental de Nove Anos: Passo a Passo do Processo de Implantação*. 2ª edição. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo\\_a\\_passo\\_versao\\_atual\\_16\\_setembro.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf)> Acesso em: 20 de maio de 2020.

CORSARO, Willian A. *Sociologia da infância*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LDBEN/96. *A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN/96)*. Dezembro de 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm) Acesso em: 10/05/2020.

LISITA, Verbena Moreira Soares de Sousa. *Pedagogia e pedagogos, para quê?*. Cad. Pesqui., São Paulo, v.37, n.131, p.519-520, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010015742007000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742007000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 18 de junho. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742007000200014>.

PALMA, M. S. *Representações das crianças sobre o brincar na escola*. Revista Portuguesa de Educação. Vol 30 (2), 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo*. In: *As crianças: contextos e identidades*. Braga: Universidade do Minho, p.7-30, 1997.

SOC BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/>

TESSARO, Leonardo; SUZUKI, Mariana Akemi. *Medicalização dos problemas de comportamento na escola: perspectivas de professoras Nilza Sanches*. Fractal, Rev.Psicol. Niterói, v.28, n.1, p.46-54, 2016. Disponível em: Acesso em Setembro. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1161>

UNESCO. GIANNINI Stefania. *Vamos nos unir agora!*. 20/03/2020. Disponível em: [https://pt.unesco.org/voices/covid19\\_unprecedented\\_education\\_emergency](https://pt.unesco.org/voices/covid19_unprecedented_education_emergency). Acesso em: 04/05/2020.

UNESCO. GIANNINI Stefania. *Vamos nos unir agora!*. 20/03/2020. Disponível em: [https://pt.unesco.org/voices/covid19\\_unprecedented\\_education\\_emergency](https://pt.unesco.org/voices/covid19_unprecedented_education_emergency). Acesso em: 04/05/2020.

WEIDE, J. N., Vicentini, E. C. C., Araujo, M. F., Machado, W. L., & Enumo, S. R. F. *Cartilha para enfrentamento do estresse em tempos de pandemia*. Porto Alegre: PUCRS/ Campinas: PUC-Campinas. Trabalho gráfico: Gustavo Farinero Costa. 2020.

WINNICOTT, D.W. *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago. 1975.